

Feira Latino-Americana de Defesa (LAAD)

Discurso do Ministro da Defesa, Celso Amorim, na LAAD Defence & Security

Rio de Janeiro, 9 de abril de 2013

Excelentíssimo senhor Vice-Presidente da República, Michel Temer;

Excelentíssimos senhores embaixadores e ministros de defesa estrangeiros;

Excelentíssimo senhor Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto;

Excelentíssimo senhor Comandante do Exército, General-de-Exército Enzo Martins Peri;

Excelentíssimo senhor Comandante da Aeronáutica, Tenente Brigadeiro-do-Ar Juniti Saito;

Excelentíssimo senhor Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, General-de-Exército José Carlos De Nardi;

Excelentíssimo senhor Vice-Governador do Estado do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão;

Excelentíssimo senhor Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Defesa do Senado brasileiro, Senador Ricardo Ferraço, em nome de quem eu cumprimento os demais senadores presentes;

Excelentíssimo senhor Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, Deputado Nelson Pellegrino, em nome de quem eu cumprimento os demais deputados federais;

Excelentíssimos senhores oficiais-generais;

Senhores embaixadores;

Senhor Diretor-Geral do Departamento da Polícia Federal;

Senhor Diretor-Geral da Clarion do Brasil;

Senhor Presidente da Abimde, em nome de quem eu cumprimento todos os empresários;
Senhores chefes e membros das delegações;

Senhores expositores,

Hoje é um dia muito especial, abertura dessa importante feira de material de defesa.

É importante fazê-la no Rio de Janeiro, onde tem ocorrido tradicionalmente, e que tem se tornado cada vez mais uma cidade – e um Estado – focos de grandes investimentos na área tecnológica.

Ainda há poucas semanas, a Presidenta Dilma inaugurou uma nova unidade do complexo de produção do submarino nuclear – aliás, eu preciso frisar, submarino à propulsão nuclear –, e na ocasião ela teve a oportunidade de dizer algo importante: que a indústria de defesa é também uma indústria de conhecimento.

E nesse aspecto, entre outros, nós nos valemos da hospitalidade e da criatividade dos cariocas e dos fluminenses.

Este é um momento especial também porque o Brasil tem dado maior apoio à sua indústria de defesa, tanto através de medidas como a lei, e agora a regulamentação, das Empresas Estratégicas de Defesa e dos Produtos Estratégicos de Defesa, como também pela utilização do que nós chamamos de PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), no que diz respeito a equipamentos.

Temos muitos projetos importantes que estão se desenvolvendo.

Eu mencionei aqui o projeto do submarino, mas temos também grandes projetos no Exército – cito, para mencionar um deles, o Proteger, que, na realidade, é um complexo de projetos que visa a defender as nossas estruturas críticas – e na Aeronáutica, que desenvolve, entre outros, o projeto do cargueiro reabastecedor a jato KC-390.

E não desistimos – pelo contrário, o governo tem plena consciência da urgência – do Projeto F-X2, que deverá se realizar levando em conta tanto aspectos operacionais, quanto aspectos de transferência de tecnologia.

Vivemos um momento especial também pelas relações pacíficas que mantemos com nossos vizinhos, e todos os nossos vizinhos têm relações pacíficas entre si.

Isso é algo que desejamos, e é importante que também seja percebido por quem vem de fora da nossa região.

A América do Sul é hoje uma zona de paz e segurança, quase no sentido do que o cientista político americano Karl Deutsch costumava dizer – em que a guerra como meio de solução de conflitos é impensável.

O Brasil é um país pacífico, que tem relações absolutamente cordiais com todos os membros membros das Nações Unidas.

Alguém que vê essa realidade de relações diplomáticas pacíficas pode perguntar se não há aí um paradoxo: por que tanta ênfase na defesa se somos um país pacífico, se o nosso entorno geográfico – sobretudo, o entorno continental – é absolutamente tranquilo e baseado em relações amistosas entre todos os países?

E a resposta desse paradoxo é que o mundo é imperfeito.

Apesar dos avanços feitos nas Nações Unidas e em seu mecanismo de segurança coletiva, os conflitos persistem, e não foram banidos da face da Terra.

Novas ameaças têm sido sempre sublinhadas – ameaças que provêm do terrorismo, que provêm do fundamentalismo da mais variada origem, que provêm também de outras ações como pirataria ou criminalidade internacional.

Mas também existem as velhas ameaças.

Em todos os cenários estratégicos que nós consultamos, sempre vemos referência à escassez crescente de recursos que são da maior importância para o mundo.

E, coincidentemente, o Brasil – e também a América do Sul, nesse caso – detém com abundância esses recursos.

Falo da energia, falo da biodiversidade, falo da capacidade de produção de alimentos, falo da água, enfim, de recursos que, com o tempo, talvez venham a se tornar até mais importantes do que recursos como o petróleo.

E esses recursos têm que ser defendidos, em benefício das nossas populações.

Falo do Brasil e da América do Sul.

É preciso, portanto, que haja uma defesa capaz de garantir não só nossa tranquilidade em face de conflitos externos que possam chegar até nós, mas também que possam garantir, à população brasileira, que ela continuará a usufruir desses recursos sem nenhum tipo de ameaça.

Tenho dito, e repito, que defesa robusta é um complemento indispensável de uma política externa pacífica.

Mas eu vejo nessa feira também uma grande oportunidade.

É, naturalmente, uma oportunidade para compra e venda, e é uma oportunidade também para cooperação.

Do ponto de vista do Brasil, temos aqui muitos parceiros tradicionais, com quem queremos aprofundar, e também qualificar, a nossa cooperação.

Já há algum tempo, o Brasil deixou de ser mero comprador de equipamentos de defesa para atrair não só investimentos, mas tecnologia para a nossa indústria de defesa.

E também queremos diversificar nossas parcerias. Em defesa, como em muitas outras áreas, não podemos nunca depender de um único fornecedor, de uma única fonte de novos conhecimentos ou de novos produtos.

E é o que nós temos feito com o governo da Presidenta Dilma Rousseff, em relação a vários projetos importantes que temos desenvolvido – mais recentemente, a decisão de levar adiante a negociação sobre defesa antiaérea.

Quero registrar, finalmente, a presença importante de autoridades – mais de dez ministros, muitos vice-ministros, muitos comandantes de forças.

E queria, senhor Vice-Presidente, assinalar a grande presença de ministros e altas autoridades de países da América do Sul, da América Latina em geral e também da África.

Acho que isso demonstra claramente que a nossa política de cooperação, que é uma política que se estende pela nossa região – onde temos feito da cooperação a melhor dissuasão –, se estende também para o Atlântico Sul.

E, portanto, se estende também para os nossos irmãos africanos.

Todas essas razões nos fazem antever um evento muito bem sucedido.

Espero que façam bons negócios tendo sempre em mente esta premissa: que a defesa deve ser reforçada, mas tendo sempre como objetivo a paz.

E tendo sempre presente que a melhor defesa é aquela que não precisa ser, na realidade, implementada em toda a sua extensão.

Muito obrigado a todos e tenham um bom evento!